A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

MARIA LUCIENE DA SILVA

RESUMO

Na Educação Infantil, a utilização da leitura na contação de história em sala de aula estimula a aprendizagem, além de propiciar modos e formas de educar que permitam aos alunos o ingresso no mundo da leitura. A contribuição da contação de histórias para o processo de ensinoaprendizagem na Educação Infantil. As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Portanto, se faz necessário que os professores utilizem essa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da imaginação.

Palavras Chave: Contação de História; Literatura; Professores; Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

A contação de história é uma pratica muito antiga e o anseio da criança em ouvir uma bela história vem ante mesmo dela acha-se na vida, e esse anseio é muito significativo, pois a história supri um imperativo da natureza humana. Contar história é uma grande arte mesmo que do seu jeito tão antigo e vulgar não pareça, e para ela se torna arte tem que se eficiente precisa de certos elementos, e obedecer a certos critérios. Ela vem para preserva a cultura humana que por muitos anos foi a única fonte de transmissão de saberes e aquisição de conhecimentos a contação de história tem um poder de estimular e desenvolver o cognitivo despertando sua imaginação, retratando acontecimentos e lugares, desejos em sonho favorecendo a aprendizagem.

Na educação infantil, primeira etapa da educação básica precisa ser motivada desde cedo para o processo de aquisição de leitura, e a literatura infantil é uma das práticas mais interdisciplinar que se relaciona com outros meios de expressões (a música, a imagem, e o movimento) e isso forma a bagagem comunicativa da criança nos seus primeiros anos. Cabem as instituições responsáveis pelos currículos escolares apresentar propostas que der condições de serem trabalhadas nas práticas pedagógicas leituras de contos.

Precisamos resgatar a cultura literária de contação de história, pois isso possibilita o desenvolvimento cognitivo da criança. Esta prática pode permitir ao educando o gosto de está na escola que possam ir de encontro aos anseios as suas necessidades e estimulando-os a ler, mas não como se a leitura fosse um ato mecânico com o mero objetivo de decodificar a simbologia alfabética, mas ler com vontade, com intenções de descobrir, investigar e pesquisar, despertando-lhes cada vez mais a curiosidade e o interesse pela leitura. É essencial na formação de crianças, estas ouvirem histórias, pois provoca o imaginário infantil, suscita o intelecto e estimula a formação de hipóteses, assim desenvolvem as habilidades e seus potenciais.

Antes de garantir que as crianças tenham acesso a bons livros desde bem pequenas, é importante a organização de ambientes em sala de aula que sejam convidativos, aconchegantes e singulares para que elas possam desfrutar em situações prazerosas de interação com os colegas e professores. Sabemos que a leitura é um dos meios mais importantes para aquisição de saberes, é um instrumento básico para todo o sistema educativo. Porém a atividade pedagógica não pode se limitar a ensinar a ler, é necessário que se leve o aluno a criar o hábito pela leitura.

É muito importante que a criança se envolva, se emocione e adquira uma visão de vários materiais portadores de mensagens presentes em seu contexto. Neste sentido entendemos que as crianças necessitam do contato com os livros e com a leitura desde cedo. Para desenvolver esse contato precisamos de suporte literário para que haja condições do professor efetuar em sala de aula leituras atraente e aconchegante onde as crianças possam usufruir das histórias e situações prazerosas de interação com a leitura.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor.

Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

(RODRIGUES, 2005, p. 4).

A contação de histórias é uma prática essencial na formação e no desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, nessa prática ocorre a transmissão de conhecimentos e valores. Pois além dessa

atividade pertencer ao campo da educação e a área das ciências humanas, é uma peça importantíssima nesse processo, ou seja, é uma atividade comunicativa.

Através dessas histórias os humanos repassam valores, tradições e costumes que são necessários para estimular a formação do cidadão. A contação está relacionada diretamente ao cenário infantil, o uso dessa ferramenta incentiva além da imaginação o gosto pela leitura e consequentemente o hábito de ler, o enriquecimento do vocabulário infantil, proporcionando o desenvolvimento do consciente e subconsciente da criança, que irá resultar na formação de seus valores humanos, éticos e morais, sua personalidade e suas crenças.

As histórias nos passam emoções e nos transmitem informações, por esse motivo possui um papel de significância para a contribuição com a tolerância e o senso de justiça social, através dela podemos criar novos rumos a imaginação, os quais podem ser eles bons ou ruins. A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia.

Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta às histórias, costumes e valores do seu povo. A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro.

O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor. (PENNAC, 1993, p. 124).

A criança possui uma imaginação pura e elevada, sublime e celestial ela não se relaciona com as histórias como os adultos para o público infantil a imaginação é contida nos contos se torna uma realidade e em relação aos adultos se faz uma avaliação sobre a veridicidade da história sendo um obstáculo para o imaginário adulto.

Desta forma, as possibilidades que o uso da contação de histórias propicia são inúmeras, além de divertirem os alunos, atinge muitos outros objetivos, entre eles, instruir, educar e socializar, desenvolvendo a inteligência e a sensibilidade das crianças.

Tornando-se uma fonte inesgotável de prazer, emoção e conhecimento no cenário infantil, ou seja, quando se conta uma história é percorrido um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo, em que o lúdico e o prazer torna-se peças condutoras no estímulo à leitura e para a formação de alunos leitores.

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta às histórias, costumes e valores do seu povo.

A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro. O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor.

(PENNAC, 1993, p. 124).

Inúmeras são as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propicia. Além de as histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade. A literatura não está recebendo um estímulo adequado, e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos de avaliação, afastando o aluno do prazer de ler. Porque, para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece. (VILLARDI, 1997, p. 2).

COMO CONTAR HISTÓRIAS?

Há estratégias ou técnicas que potencializam o alcance dos objetivos quanto à contação de história para a formação do leitor? A especialista em contação de histórias, Vania Dohme em seu livro “técnicas de contar histórias” (2000) nos auxilia com a discussão de algumas técnicas que foram semeadas ao longo dos anos, para ela uma boa contação de histórias deve se tirar maior proveito da voz, usar corretamente a dicção, o volume, a velocidade, a tonalidade e o vocabulário. Aspectos importantes são destacados pela autora no uso da voz, como a dicção.

Ao contar uma história temos que tomar o cuidado de pronunciar de forma clara cada uma das sílabas que compõem a palavra, sentindo cada um dos seus sons. Outra atenção que se deve ter é dar espaço, entre

uma palavra e outra, procurando não emendar as palavras de uma mesma frase. Em relação ao volume, cada ambiente exigirá um tom de voz adequado e isso precisa ser avaliado, falar muito baixo ou alto demais é um fator altamente prejudicial na compreensão da história. Temos que adaptar o tom de nossa voz de acordo com o ambiente em que estamos e nos policiar para manter esse mesmo volume do início ao fim da história. Para Dohme (2000) também tem que ser pensada a velocidade em que irá contar a narrativa pois, cada narrador tem uma velocidade na fala, isso é uma característica individual, mas um cuidado que se deve ter é não permitir que essa velocidade influencie na compreensão do texto. Variar velocidade da voz pode auxiliar na interpretação do texto, falar mais rápido pode passar mais emoção, um sentimento de urgência, e falar mais devagar é adequado quando se deseja passar um sentimento de paz, harmonia, serenidade.

Combinando-se as diversas variações de velocidade e volume, pode-se conseguir efeitos interessantes, modular a voz entre o baixo (limitado a um volume que todas as pessoas possam entender) e o alto (sem exageros, é claro) e variar a velocidade dá o colorido à narrativa e tira a monotonia (que é um dos principais fatores de desinteresse nos ouvintes). Outro aspecto relacionado ao uso da voz na contação de história é a tonalidade, ou seja, a adoção de certos estereótipos ajuda na compreensão do texto, por exemplo: meninas têm fala aguda, falam "fininho", homens corajosos e ursos sempre falam grosso ou grave, velhinhos falam levemente agudo e tremido, fadas adocicado e bruxas têm voz aguda e estridente, os diversos personagens dentro de uma narrativa podem ter características vocais próprias, o que será muito atraente, mas necessita de atenção do narrador para manter a característica de cada personagem.

Dohme (2000) orienta, também tem que ser observado, visto que muitas vezes a comunicação não se dá por completo, simplesmente porque o ouvinte não conhece o sentido da palavra que está sendo usada, principalmente quando estamos falando de crianças. A não compreensão de uma palavra prejudicara o entendimento de toda frase e a incompreensão de uma frase pode levar a uma sucessão de incompreensões que acaba levando ao desinteresse e à desistência em acompanhar a narrativa.

Enfim, é por essas e outras razões que a voz é o instrumento principal do narrador, saber usá-la é primordial para prender a atenção dos pequenos. Outra contribuição relacionada à contação de histórias, de grande importância, é a seleção do repertório. Ao preparar a seleção de narrativas para o público da educação infantil é importante conhecer os interesses e o estágio emocional que predominam nesta faixa etária.

Coelho (1999, p.15) destaca, "a história é um alimento à imaginação e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral", o autor Gregórin complementa essa ideia: [...] é necessário a adequação temática ao nível de amadurecimento da criança, pois os diferentes temas devem ser propostos para a leitura e discussão desde que a criança possua o amadurecimento psicológico necessário para que a conversa seja proveitosa e efetivamente aprendida (GREGÓRIN, 2009, p.71). Seguindo as dicas de Riter: [...] é interessante também iniciar a leitura com algumas formas clássicas, já bem conhecidas do público, tipo "Era uma vez" ou "Há muitos e muitos anos atrás", assim como para encerrá-la: "E entrou por uma porta e saiu pela outra, quem quiser que conte outra", tais expressões instituem um momento próprio, particular, singular como se alertasse o público, avisando-o:

Atenção, agora será narrada uma história (RITER, 2009, p.88). Outro aspecto a ser considerado é a duração da história, Barcello (1995, p. 49), observa que é "necessário se atentar para que a narrativa não fique tão curta que deixe, nos ouvintes, uma sensação de falta, nem tão longa que as crianças percam o interesse no seu decorrer". A autora estima que a história propriamente dita não deve ultrapassar quinze a vinte minutos, sendo que considerando a preparação, a narração e os comentários finais, poderá se estender de trinta a quarenta minutos. O narrador deve também ter o cuidado de preparar o ambiente, Coelho (2010, p. 44) orienta que "[...] a melhor arrumação consiste em sentá-los em semicírculo, onde todas possam ver o narrador e o material a ser apresentado sem forçar o pescoço."

Riter reflete: [...] todavia a contação de histórias exige uma preparação quando realizada na escola. Não se pode pegar um livro ao acaso [...]. O livro escolhido deve ser amado pelo contador, pois só assim haverá sintonia entre ambos e o resultado será o melhor possível para aquele momento, atraindo a atenção da plateia (RITER, 2009, p.88).

Fonseca (2004, p. 57) elucida que o "[...] resgate da expressividade, da espontaneidade, da sensibilidade, permeia todo o processo de formação do contador de histórias". O sujeito que deseja ser o condutor da viagem imaginária que as narrativas trazem, deve deixar fluir as emoções pelas vias corporais, submergir nos livros e na pesquisa de histórias inéditas e utilizar-se de recursos visuais para despertar para a beleza da palavra, para a cumplicidade do olhar.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA.

A prática da contação de histórias vem ganhando destaque no ambiente escolar. Podendo ser desenvolvida a partir do planejamento do professor, e muitas das vezes, a escola recebe a visita de um contador. O professor, através do conhecimento obtido em sua formação, tem competência para integrar a literatura em sua sala de aula. Os textos literários, segundo alguns teóricos são de grande importância na escolarização.

Assim, conforme Collins e Cooper (2005, p.4) "O conhecimento narrativo é experiencial e adquirido culturalmente. Ele é o melhor meio disponível para os estudantes organizarem suas experiências e compreenderem a si mesmos". Com a contação de histórias o aluno pode fazer reflexões sobre muitas questões, despertando o seu interesse e curiosidade, havendo o resgate da comunicação oral interativa, ou seja, ao considerarmos a pratica de contar histórias como portadores de significados para a atividade pedagógica, o seu papel vai além do entendimento da linguagem, pois preserva-se o seu caráter literário, assim como também a sua função de despertar a imaginação e sentimentos.

Nesse sentido, Hamilton e Weiss (2005, p. 15) enfatizam que "Ouvir e ler são processos similares; ambos envolvem a entrada de informação. Quando alunos escutam uma história, eles experimentam a alegria da linguagem, de quão divertido pode ser ter as palavras rolando para fora das nossas línguas." Os mesmos autores esclarecem que os professores que contam histórias:

"[...] ajudam seus alunos a associarem a leitura com prazer, o que é um passo importante em direção a ajudá-los a se tornarem adultos verdadeiramente cultos: pessoas que não são aptas a ler, mas que querem ler." (HAMILTON; WEISS, 2005, p. 15).

A contação de histórias é vista como uma atividade pedagógica que traz encantamento, prazer e imaginação, não podendo ser dissociado do trabalho com os conteúdos curriculares. As diversas atividades escolares, ao serem integradas á contação de histórias podem vir a resultar em processos potencializadores, resultando em conhecimentos sociais, científicos e pessoais.

Para Collins e Cooper (2005), o poder da contação de histórias ocorre da confluência de uma história, uma plateia e um contador,

"[...] a convergência de uma história cuidadosamente escolhida, uma contação profunda, e uma plateia envolvida é chamada de encantamento". (COLLINS; COOPER, 2005, p. 31).

Esse caráter sedutor da contação de histórias possibilita considerá-la como método pedagógico propulsor de relevantes aprendizagens e consequente desenvolvimento cognitivo do pensamento.

Segundo Freire (1989) a família é a primeira e principal fonte de histórias. No ambiente familiar, ouvimos nossas primeiras histórias, visto que as pessoas constituintes dessa instituição social são as primeiras a intermediar o contato da criança com o texto oral.

É, através desse texto, que se tem uma das mais ricas formas de apresentar outros contextos e o passo inicial para a "leitura de mundo". Pois, a contação de história pode anteceder o sistema de representação da língua escrita. Ela analisa, percebe e formula suas hipóteses sobre a escrita e a leitura que estão presentes em seu cotidiano.

Paulo Freire (1989), afirma que ler o mundo ocorre antes de ler palavras, supõe que estreitar a nossa relação como mundo imaginário do aluno, onde a busca de novos conceitos acontece naturalmente, é uma das formas de ler para o aluno que, ao ouvir, busca em seu conhecimento de mundo, suas necessidades, ansiedades, crenças e desejos. (...) buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda (Freire, 1989, p. 49).

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA.

A contação de histórias é uma prática cada vez mais presente na escola. Ora se desenvolve a partir do planejamento do professor, ora a escola recebe a visita de um contador, ora ela permeia os espaços culturais (como feiras do livro).

O professor, através de sua formação, tem contato com diversas possibilidades de integrar a literatura em sua aula. Muitos teóricos abordam a questão da importância dos textos literários na escolarização.

Ao considerar a contação de histórias como portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem. Preserva-se seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de transcender a palavra.

A ação de contar histórias deve ser utilizada dentro do espaço escolar, não somente com seu caráter lúdico, muitas vezes exercitado em momentos estanques da prática, como a hora do conto ou da leitura, mas adentrar a sala de aula, como metodologia

que enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas.

De acordo com prévia pesquisa bibliográfica, ficou evidente que a contação de histórias pode e deve ser usada como metodologia para o desenvolvimento dos alunos e de sua personalidade, melhorando de maneira significativa o desempenho escolar.

Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. (MIGUEZ, 2000, p. 28).

A questão da contação de histórias como participante da práxis pedagógica não pretende de forma alguma desconfigurar sua função de transmitir beleza, sensibilidade, prazer.

Aliás, acredita-se que o caráter artístico da contação de histórias pode servir de elo no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a contação de histórias pode auxiliar a práxis sem perder seu valor estético e artístico. Muitos teóricos abordam a questão da importância dos textos literários na escolarização.

BETTELHEIM (2000) fala da importante e difícil tarefa na criação das crianças, a qual consiste em ajudá-las a encontrar significado na vida. Em primeiro lugar, o autor coloca o impacto dos pais nessa tarefa; e, em segundo lugar, cita a herança cultural transmitida de maneira correta: "Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação." Quanto à leitura em si, ele acrescenta: "A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida". (BETTELHEIM, 2000, p. 12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a escola é um lugar que constrói e reconstrói conhecimentos, que se faz necessário dar prioridade à contação de histórias, uma vez que ela contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, psicológico, físico, moral e social, proporcionando um maior aumento perceptivo no aluno.

Sobre suas vantagens, podem ser destacadas a aprendizagem de conteúdo, criatividade, comunicação, socialização, e a disciplina, aquisição de leitura e escrita. Desse modo o professor deve procurar desenvolver práticas de leitura que tenha por objetivo estimular o aluno a compreensão das ideias dos autores, buscar no texto elementos básicos e os efeitos de sentido, pois ao contar histórias o professor estará proporcionando momentos de interação entre ele e seus alunos, uma vez que ao contar histórias o professor está mostrando as crianças como é o mundo em que vivem, ajudando-a a olhar, pensar e entender um pouco do mundo que a circunda.

É muito importante que a criança se envolva, se emocione e adquira uma visão de vários materiais portadores de mensagens presentes em seu contexto. Constatando-se ser um instrumento poderoso e fundamental em que o professor ao utilizar a contação de histórias tornará a aprendizagem mais significativa e atraente para as crianças, despertando, sobretudo, o interesse e o gosto pela leitura.

Estabelecendo a relação entre as ideias dos autores, foi possível observar que a contação de histórias na educação infantil pode proporcionar o desenvolvimento do raciocínio, da motricidade levando a construção da sua autoestima, além da função lúdica.

Sendo perceptível a relevância da contação de histórias na educação infantil, pois conduzem a uma forma fascinante e significativa de ensinar e aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. _____. A Importância do Ato de Ler em Três Artigos que se completam. 29 ed. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Questões de nossa época) FREIRE, Paulo. Minha primeira professora. Rio de Janeiro, J.B. 03.05.1997. p.3.

PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão, NEVES, Iara Conceição Bitencourt. A hora do conto: da fantasia ao prazer. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1995.

COELHO, Betty. Contar histórias uma arte sem idade.10.ed.São Paulo: Ática, 2010. COELHO, Nelly Novaes. Resenha: Panorama Histórico da Literatura Infantil / Juvenil. Disponível em: Acesso: 18 Abril 2014. COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

RITER, Caio. A formação do leitor literário em casa e na escola. São Paulo:

Biruta, 2009.

ROTTA, Newra Tellechea. Transtornos da Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TOLEDO, Maria Helena Roman de Oliveira. Aprender.com quem? Um diálogo em construção. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2011.

TOLKIEM, John R.R. Sobre histórias de fadas. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006. VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.